**“SABER LER É SABER DAS COISAS, É SER INTELIGENTE”: A ESCUTA SENSÍVEL DA CRIANÇA NÃO ALFABETIZADA**

Mariana Crisostomo Delfino de Brito

Aluna do 5º período de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Campus Central. E-mail: [marianadebrito1@gmail.com](mailto:marianadebrito1@gmail.com)

Deceles Ingrid de Carvalho Oliveira

Aluna do 5º período de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Campus Central. E-mail: [deceles@gmail.com](mailto:deceles@gmail.com)

Celiane Oliveira dos Santos

Professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN, Campus Central. E-mail: [celianeoliveira@uern.br](mailto:celianeoliveira@uern.br)

RESUMO

Este trabalho é fruto de reflexões críticas realizadas no decurso do componente curricular Alfabetização e Letramento, no curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Central. Pretende apresentar os resultados de uma entrevista realizada com uma criança não alfabetizada, enfocando aspectos relativos à escuta sensível da criança sobre a leitura e a escrita no 1º Ano do Ensino Fundamental. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de natureza qualitativa de cunho exploratório que põe em evidência o relato escrito e falado de uma criança na faixa etária de seis anos que frequenta uma escola municipal na cidade de Mossoró – RN. A entrevista foi organizada em três momentos e orientada por dois instrumentais. Evidenciou-se a capacidade da criança de levantar hipóteses sobre a escrita – instrumento cultural complexo – e suas potencialidades no que diz respeito aos conhecimentos acerca dos textos que circundam na sociedade na qual está inserida. A experiência foi fundamental no processo de compreensão dos temas debatidos no componente curricular, assim como no entendimento da importância de assegurar às crianças um ambiente de escuta sensível e acolhedor na escola.

Palavras-chave: Letramento. Alfabetização. Escuta da criança.

INTRODUÇÃO

Este trabalho – fruto de debates e reflexões – pretende apresentar alguns desdobramentos de temas enfocados no âmbito do componente curricular Alfabetização e Letramento, ofertado no 4º período do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. De modo mais específico, procura evidenciar o que uma criança não alfabetizada pensa sobre a leitura e a escrita. A temática foi escolhida através de discussões feitas a partir da análise da entrevista e dos referenciais teóricos lidos e discutidos em sala de aula. Assim sendo, confirmamos a importância da indissociabilidade entre ensino e pesquisa no ambiente acadêmico, assim como na atuação docente.

Partimos do pressuposto de que ouvir a criança também faz parte do processo de compreensão de como se dá a apropriação da linguagem escrita. Nossa pesquisa põe em evidência o relato escrito e falado de uma criança na faixa etária de seis anos, que frequenta 1º Ano do Ensino Fundamental. A partir da análise da entrevista realizada compreendemos que “No processo de ensino-aprendizagem, é importante ouvir dos alunos o que eles pensam sobre a escrita, para, a partir daí, programar atividades que contemplem sua função social e cultural” (BRITO, 2014, p.100), ou seja, atividades que elas se identifiquem, facilitando assim a compreensão por elas da importância da escrita e da leitura em suas vidas.

Trata-se de uma de uma pesquisa de natureza qualitativa – de cunho exploratório –, na qual utilizamos referências bibliográficas para dialogar com os dados obtidos na interlocução com a criança. Dois instrumentais orientaram a realização da entrevista, a saber: “A prova das quatro palavras” e “Roteiro para pesquisa e estudo sobre os portadores de texto” (DIAS, 2001). A entrevista aconteceu em junho de 2018 em uma Escola Municipal na cidade de Mossoró – RN. É importante salientar que no processo de escolha da criança para participação na pesquisa, foi solicitado a autorização da professora responsável pela turma, assim como foi respeitado o desejo da criança de participar ou não da entrevista.

Com isso, iniciamos as atividades, primeiramente “as quatro palavras e uma frase” e em seguida a atividade de leitura “portadores de texto”. As três foram realizadas em um único momento, na referida escola, com o consentimento da professora e da criança, conforme mencionado.

DIALOGANDO

No dia da entrevista chegamos na escola ainda no primeiro horário, conforme acordado com a professora, fizemos o primeiro contato com a criança escolhida ainda em sala de aula, e a convidamos para nos acompanhar até a sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) da escola, pois nesse dia era o espaço mais calmo para a realização da entrevista. Ao chegarmos na sala do AEE, falamos de forma clara sobre as atividades que seriam propostas para ela, deixando-a ciente que não existiria certo nem errado e que ela possuía total liberdade de fazer como soubesse e poderia parar as atividades, caso desejasse.

No primeiro momento da entrevista, conversamos com a criança sobre o que ela gostava de comer e seus animais preferidos. Demos a opção para ela escolher sobre o que ela gostaria de escrever, se suas comidas favoritas ou os animais prediletos. Rapidamente ela optou pelos animais, pedimos para que ela escolhesse alguns para que pudesse escrever.

A palavra cachorro foi a escolhida, ela escreveu assim: “KPNAM”. A segunda palavra escolhida foi passarinho: “PKMIN”, a criança propôs a palavra gato como terceira opção de animal, e fez sua interpretação escrita dessa forma “RIKNR”. Perguntamos se eram só esses seus animais prediletos? E ela disse: “Sim, gosto mais desses.”

Demandamos que a criança lesse as palavras que tinha acabado de escrever, ela leu de forma compassada os nomes dos animais, apontando o dedo para as palavras escritas por ela. Como já havíamos percebido, a criança demonstrava interesse pelos animais. Com isso, solicitamos que ela escrevesse nomes de animais dessa vez escolhidos por nós, que foram: Dinossauro, formiga, tigre e boi. Onde ditamos pausadamente as palavras e a criança escreveu os nomes destes da seguinte maneira:

IBAKPE = DINOSSAURO

BIAINPE = FORMIGA

PEKRP = TIGRE

BSSPRI = BOI

Pedimos que ela lesse os nomes dos animais que acabara de escrever e a criança realizou a leitura pausadamente, apontando o dedo. Após a leitura dos nomes dos animais que acabaram de ser solicitados, a criança foi instigada a escolher um nome de animal para formar uma frase, a palavra escolhida foi o tigre, o adjetivo dado ao tigre pela criança foi bonito, formando a seguinte frase: O tigre é bonito. Ela escreveu da seguinte maneira: IABBRRP = O tigre é bonito. Em seguida, pedimos novamente para que ela fizesse a leitura da frase e assim ela fez pausadamente.

No terceiro momento, guardamos todos os materiais usados anteriormente e posicionamos sobre a mesa alguns objetos: A bandeira dos Estados Unidos, uma caixa de remédio, rótulo de refrigerante, calendário, conta de luz, uma pintura, jornal, uma revista e por fim um encarte de supermercado.

Pedimos para ela segurar os objetos que conhecia. A criança começou pegando na seguinte ordem: encarte de supermercado, bandeira, calendário, rótulo de refrigerante, jornal e caixa de remédio. Perguntamos de onde ela conhecia cada objeto.

O primeiro foi a caixa de remédio, a criança nos contou: “É uma caixa de remédio”, perguntamos por que ela conhece uma caixa de remédio? Ela respondeu: “minha avó tomava remédio, mas ela já faleceu”, por esse motivo ela conhecia. O jornal ela reconheceu, pois: “eu já vi o povo lendo” O que tem escrito no jornal? “Não sei”. O rótulo de refrigerante ela associou da marca Coca-Cola. O calendário a criança disse que: “serve para ver os dias e tem na minha casa”.

A criança reconheceu a imagem como sendo uma bandeira, “eu sei que é uma bandeira, mas não sei de onde é não”. Quando questionada pelo encarte do supermercado, ela disse: “É uma propaganda” Serve para que? “Pra ver os preços e comprar” Você sabe de onde é essa propaganda? “Anram, é do Cidade” E como você sabe que é do supermercado Cidade? “Porque tem esse símbolo e já vi o símbolo e já fui no Cidade.”.

Finalizamos a entrevista, agradecendo a criança, dissemos a ela, que tinha se saído muito bem e que tínhamos gostado muito de conhecê-la. Retornamos com ela a sala de aula e na oportunidade agradecemos também a professora.

ESCREVENDO

Na atividade das quatro palavras e uma frase, descrita anteriormente, chegamos à conclusão que a criança pesquisada ainda não sabe escrever convencionalmente outras palavras.

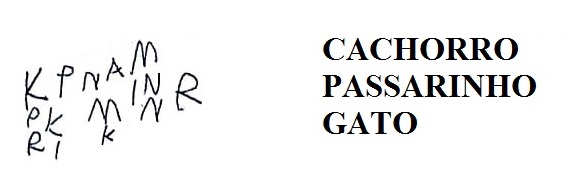


Imagem 1: Escrita dos nomes dos animais prediletos.

Com isso, percebemos que ela usa de letras que já conhece, A, K, L, M, N, R, I. Visualizamos que partes da escrita ainda não correspondem a fala, entretanto, observamos que ela consegue utilizar de diferentes configurações de letras para formar as palavras, ou seja, utiliza configurações de letras diferentes para formar palavras diferentes.

HIPÓTESE DA ESCRITA

A partir dessas análises, percebemos que a escrita da criança investigada apresenta características da hipótese pré-silábica nível 2, na qual a criança:

[...] pode ter tido a oportunidade de adquirir certos modelos estáveis de escrita, certas formas fixas [...] neste nível tente a rejeitar outras possíveis escritas de seu nome que apresentem as mesmas letras, mas em outra ordem. Porém, a correspondência entre escrita e o nome é ainda global e não analisável: à totalidade que constitui esta escrita faz-se corresponder outra totalidade (o nome correspondente), mas partes da escrita ainda não correspondem a partes do nome. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 204-205).

Essa ausência de correspondência entre o nome e as partes escritas são fortemente marcadas na escrita da criança, bem como, as formas gráficas são limitadas, utilizando repetidas letras, mas em ordens diferentes, a quantidade de grafias sempre ultrapassa mais do que 3, a escrita ainda não é analisável (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999), pois não conseguimos relacionar características sonoras ou silábicas com a escrita.

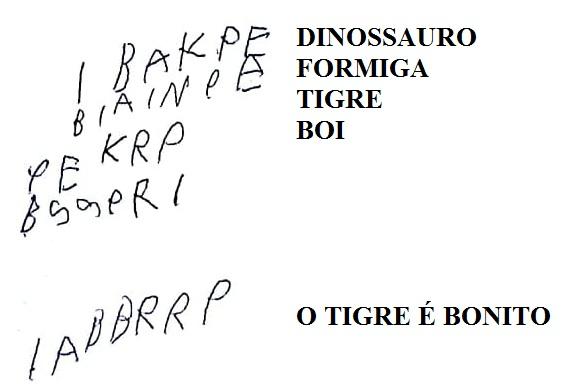


Imagem 2: Escrita das quatro palavras e uma frase.

Compreendemos que a escrita da criança não pertence a hipótese pré-silábica nível 1, pois sua escrita não possui uma a característica de “correspondência figurativa entre escrita e o objeto referido” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 194). Essa correspondência figurativa que as autoras expõem diz respeito às relações ao aspecto figural do objeto e o aspecto figural do escrito, ou seja, o tamanho do objeto e o tamanho da letra/desenho que representará esse objeto na escrita da criança. Se essa característica fosse marcante na escrita da criança, ela escreveria por exemplo, o nome FORMIGA com letras pequenas, ou poderia misturar em alguns momentos letras e desenhos, porém isso não ocorre, a escrita é apenas com o uso de letras.

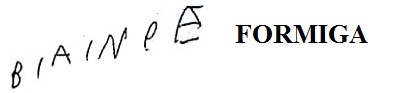


Imagem 3: Palavra Formiga

A escrita da criança não pertence também a hipótese silábica, pois não é possível identificarmos o “[...] valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita [...]” ou “cada letra vale por uma sílaba.” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 209). Com isso a escrita dela, não considera os valores sonoros e silábicos, como visualizamos nos exemplos escritos por ela, se o mesmo considerasse os valores silábicos ela escreveria cada letra referente a uma sílaba, porém não é isso que acontece, vejamos a palavra boi na imagem abaixo.



Imagem 3: Palavra boi.

Desse modo, a escrita da criança também não possui características da hipótese silábica alfabética, onde “a criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá “mais além” da silábica” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p.214). Com isso, a criança percebe que a quantidade mínima de caracteres para formar uma palavra torna-se mais evidente e passa a acrescentar letras as palavras para resolver os conflitos de hipóteses e em função do seu contato com a forma padrão de escrever. Logo, a escrita dessa criança também não se caracteriza como uma escrita alfabética, que para Ferreiro e Teberosky (1999) constitui o final da evolução, onde a criança compreende que “cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 219).

OUVINDO A CRIANÇA SOBRE OS PORTADORES TEXTUAIS

A referida criança reconheceu quase todos os portadores de texto disponibilizados durante a entrevista, exceto, a pintura, a revista e a conta de energia. Ela conseguiu com muita propriedade dizer para que serve e onde viu todos os portadores escolhidos. Chamou no atenção as situações da caixa de remédio e o cartaz de supermercado.

Ela consegue fazer a leitura dos acontecimentos ao seu redor, percebe as ocorrências diárias, os fatos mais marcantes de sua vida através de simples respostas sobre seu conhecimento de um portador de texto, pois ela os relaciona com sua vida. A morte de sua avó foi e apresenta-se como um acontecimento marcante, bem como a ida ao supermercado, um lugar que ela gosta de ir e reconhece sem dificuldades o slogan do supermercado através de um encarte. Visualizamos nisso, o quanto a criança está atenta ao mundo a sua volta, o quanto ela observa os detalhes deste, e conseguimos ver na prática que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989, p. 9), com isso o autor evidencia que a leitura e a realidade são elementos que estão diretamente relacionados, características fortes da leitura de mundo é evidente na fala da criança.

É relevante destacar que a criança entrevistada conhece algumas letras e, mesmo sem realizar a leitura convencional das palavras, demonstra que já sabe diferenciar o que é ou não escrito, ela é uma criança que “rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é, de certa forma, letrada.” (SOARES, 2001, p. 24). A autora reforça primeiro a importância da percepção e função dos materiais escritos para se conseguir chegar ao que ela chama mundo do letramento, antes mesmo da alfabetização.

Esses autores (FREIRE, 1989; SOARES, 2001) nos ajudam a compreender a importância de considerarmos as relações sociais que são construídas pelas crianças antes mesmo de ingressarem na escola e iniciarem formalmente o seu processo de alfabetização ou imersão do mundo da leitura. A atividade dos Portadores de Texto, evidencia o quanto a criança percebe o seu redor e principalmente a importância da leitura para a sua vida, pois ela relata que saber ler é “saber das coisas” “ser inteligente”.

Portanto, concordamos com Ferreiro (2012, p.37): “não podemos reduzir a criança a um par de olhos que veem” mas um ser ativo, capaz de compreender o mundo a sua volta e visualizamos a importância dessa compreensão para a construção de um indivíduo letrado e alfabetizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos nessa entrevista contribuíram para a elaboração de uma reflexão crítica a respeito da importância dos estudos de Ferreiro & Teberosky (1999), não como estudos que ajudam a classificar as crianças de uma determinada turma, mas como um aporte teórico que pode auxiliar o professor na compreensão dos processos vivenciados pelas crianças. Ao considerar as hipóteses elaboradas pelas crianças, o professor terá a oportunidade de elaborar e reelaborar propostas que atendam às necessidades de cada criança, contribuindo dessa forma para o seu pleno desenvolvimento.

A experiência foi fundamental no processo de compreensão do componente curricular Alfabetização e Letramento, assim como na importância de dar voz e vez as falas das crianças como sujeitos de direitos e ativos nos seus processos de construção do conhecimento.

Não podemos menosprezar os saberes infantis, é necessário assegurar às crianças um ambiente de escuta sensível e de acolhimento, pois isso irá contribuir significativamente para suas aprendizagens.

REFERÊNCIAS

BRITO, Tatiane dos Santos. **Ouvindo crianças sobre a aprendizagem da linguagem escrita:** um estudo de caso. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

DIAS, Ana Iorio. **Ensino da linguagem no Currículo**. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

FERREIRO, Emilia: TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Sul, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

SOARES, Magda. Letramento em verbete: O que é letramento? In: SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.13-25.